

Colômbia se esforça para recuperar produção perdida

O gerente técnico da Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia (Fedecafe), Ricardo Villaveces, fez uma palestra sobre a situação da cafeicultura em seu país. Segundo Villaveces, as lavouras de café colombianas espalharam-se por quase todo país, particularmente para o sul, de maneira que hoje há colheitas sendo realizadas praticamente durante o ano inteiro.

10

Villaveces resumiu a conjuntura econômica da Colômbia hoje. Segundo ele, a economia colombiana está crescendo, a classe média vem ampliando sua participação na pirâmide social, e o país recebe grande quantidade de investimentos estrangeiros, sobretudo nas áreas de mineração e petróleo, os quais estiveram represados por vários anos, em função dos problemas de segurança (leia-se guerrilha e paramilitarismo), que hoje registram sensível melhora.

A Colômbia também enfrenta um processo de valorização de sua moeda, que tem reduzido a competitividade dos exportadores do país, o que constitui uma dificuldade em particular para a cafeicultura, pois é uma atividade que tem alto custo de mão-de-obra. Entretanto, este seria um problema típico do desenvolvimento, segundo Villaveces.

95% dos cafeicultores colombianos plantam menos de 5 hectares de café, informou Villaveces; 3%, considerados médios, possuem lavouras de cinco a dez hectares; e somente 2%, os grandes, tem mais de dez hectares.



Esses dados ressaltam a importância sócio-econômico do café para a Colômbia, onde existem 553 mil cafeicultores registrados, cujas famílias correspondem a 2,7 milhões de pessoas, ou 33% da população rural do país.

O café responde, segundo Villaveces, por 16% do PIB agrícola colombiano; gera 726 mil empregos diretos e 1,4 milhão de empregos indiretos (32% do emprego agrícola na Colômbia).

Nos últimos cinco anos, informou o gerente, a Colômbia renovou 363 mil hectares de suas lavouras, o que correspondeu a cerca de 40% do parque cafeeiro total, e uma média de 70 mil hectares renovados anualmente.

Esta renovação, que é estimulada pela Federação, ajudou a reduzir a participação de lavouras velhas de 62% em 1997 para 19% em 2010, e o percentual das áreas consideradas “tecnificadas” hoje corresponde a 69% da área cafeeira total do país. A densidade média de uma área “tecnificada” cresceu de 5.198 plantas por hectare em 2006 para 5.905 em 2010. E a população cafeeira total da Colômbia subiu de 3,94 bilhões de pés em 2006 para 4,17 bilhões em 2010.

Outro dado importante fornecido pelo gerente da Federação foi sobre o aumento constante do número de

cafeicultores colombianos que possuem algum tipo de certificado que os classifiquem como produtores de grãos especiais. Em 2004, apenas 2 mil produtores possuíam documentação, agora já são 103 mil, ou 19% de todos os cafeicultores do país.

Em consequência disso, a estrutura das exportações colombianas sofreu importante mudança nos últimos anos, com ampliação dos percentuais dos cafés com valor agregado. Nos três primeiros meses de 2011, os cafés com valor agregado correspondiam a 32% da receita de exportação de café, sendo 6% para cafés industrializados e 26% para cafés especiais.

Villaveces lembrou que os últimos anos foram bastante difíceis para a cafeicultura colombiana. Em 2009, eles viveram o que se convencionou chamar de “tormenta perfeita”, ou seja, o pior dos mundos: crise social em função do efeito acumulado de um longo período de preços baixos; problemas de segurança; condições climáticas desfavoráveis (as chuvas cresceram 40% acima da média); explosão do preço dos fertilizantes, o que levou a uma redução de 30% no uso desses produtos; aumento de doenças, como broca e ferrugem. A consequência de tantos fatores negativos foi um forte tombo na produção, de 12,6 milhões de sacas em 2008, para 7,8 milhões em 2009 (queda de 32%) e 8,9 milhões em 2010.

Por causa disso, o grande objetivo dos formuladores das políticas cafeeiras na Colômbia é aumentar a produção. Uma boa notícia é o compromisso firmado pelo novo

presidente da república, Juan Manuel Santos, apenas 14 dias após assumir o mandato, de empreender um conjunto de ações políticas para gerar prosperidade nas regiões cafeeiras, como: programas sociais contra pobreza; formalização dos trabalhadores e empresários do setor; fortalecer as finanças do Fundo Nacional do Café.

Uma das metas da Federação é acelerar o ritmo de renovação das lavouras, para 130 mil hectares ao ano, com vistas a tecnificar todas as lavouras do país, introduzindo variedades mais resistentes a doenças e pragas. Segundo Villaveces, em função do reduzido tamanho das propriedades, pode-se imaginar como é difícil convencer os produtores a abrir mão de uma remuneração certa de um pedaço de suas lavouras por um benefício do qual só irão desfrutar daqui a três anos.

Villaveces observou que não é fácil gerir a representação para mais de 500 mil produtores. A Federação precisa organizar eleições em cada pequena comunidade cafeeira, que assim escolhe os comitês que irão representá-los nas instâncias superiores da entidade. O executivo informou ainda que 2.700 cafeicultores já estão georeferenciados, com suas lavouras monitoradas em detalhes, servindo de modelo para as políticas públicas setoriais. A Federação fez ainda investimentos sociais em 2010 da ordem de US\$ 510 milhões, sendo 68% para melhorar a competitividade da cafeicultura; 25,5% para apoiar a infra-estrutura das comunidades; 3,6% em infra-estrutura domiciliar; 1,6% em programas de proteção ao meio ambiente; e 1,6% em educação e capacitação. 

